

TRADUÇÃO COMENTADA DA ESCALA DE ANSIEDADE A MATEMÁTICA (EAM) PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): QUESTÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES FORMATIVAS

Commented translation of the Math Anxiety Scale into – Brazilian Sign Language: theoretical questions and formative implications¹

Vitor de Souza Dias²
Vinícius Nascimento³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a tradução comentada da Escala de Ansiedade a Matemática (EAM) desenvolvida no Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A tradução foi realizada por uma equipe de quatro pessoas (dois docentes, um pós-graduando e um graduando)

ABSTRACT:

This article aims to present a commented translation of the Mathematical Anxiety Scale (EAM) developed at the Applied Studies on Learning and Cognition Laboratory (LEAAC) of the Federal University of São Carlos (UFSCar) to the Brazilian Sign Language (Libras). The translation was carried out by a team of four people (two teachers, one graduate

¹ Pesquisa de iniciação científica sem remuneração (ICT-SR) selecionada pelo edital ProPq-UFSCar 001/2018 e realizada no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS/DPsi/UFSCar).

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP; vitordias2016@yahoo.com.br.

³ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP; FAPESP (Processo: 2017/21970-9); nascimento_v@ufscar.br.

no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS/UFSCar) em 5 etapas: (i) estudo prévio do material por cada membro da equipe; (ii) estudo coletivo do material; (iii) gravação da tradução; (iv) validação da tradução por consultores surdos e ouvintes; e (v) regravação da tradução com base nas sugestões dos consultores. Espera-se que discussões sobre a tradução de protocolos avaliativos seja iniciada por tradutores e intérpretes de língua de sinais, bem como por profissionais que se interessam em realizar avaliações psicológicas, linguísticas e educacionais de sujeitos surdos.

student and one undergraduate student) at the Sign Language Audiovisual Translation Laboratory (LATRAVILIS/UFSCar) in 5 steps: (i) previous study of the material by each member; (ii) collective study of the material; (iii) recording of the translation; (iv) validation of translation by deaf and hearing consultants; and (v) a new recording of the translation based on the consultants' suggestions. Discussions on the translation of evaluative protocols are expected to be initiated by sign language translators and interpreters, as well as professionals interested in conducting deaf people's psychological, linguistic and educational assessments.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução; Libras; Ansiedade à Matemática; Protocolo, Intermodalidade.

KEYWORDS

Translation; Libras; Mathematics Anxiety; Assessment, Intermodality.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a tradução comentada da Escala de Ansiedade a Matemática (EAM) desenvolvida no Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A pesquisa se insere em um projeto de pesquisa maior, intitulado *Respostas emocionais à matemática: estudo de variáveis relevantes e medidas de ansiedade* (CAEE 0756.0.000.135-10), coordenado pelo docente do Departamento de Psicologia da UFSCar, Prof. Dr. João dos Santos Carmo, que tem por objetivo promover estudos de diferentes níveis para a avaliação da ansiedade em estudantes de Nível Fundamental sobre a relação com a matemática. O protocolo traduzido para Libras

aqui descrito foi a primeira versão desenvolvida para posterior aplicação piloto em estudantes surdos do Ensino Fundamental I e II de escolas bilíngues. A tradução do protocolo, originalmente elaborado em português brasileiro (PB), para Libras foi realizado no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS), também da UFSCar. Segundo Lacerda e Lodi (2009), o português é considerado segunda língua para essa comunidade e, por essa razão, se faz necessário que materiais elaborados para surdos, tais como o protocolo em questão, estejam em Libras.

As crianças e adolescentes, em sua maioria, ao enfrentarem situações constrangedoras envolvendo a matemática, causadas geralmente por conta de provas e pressões do senso comum sobre a dificuldade de aprender matemática ou, até mesmo, do baixo entendimento das aulas, podem desenvolver diferentes comportamentos adversos, resultando no desinteresse sobre o tema e em evasões e reprovações em disciplinas de matemática desde as séries iniciais. Esses aspectos podem gerar nos estudantes aversão e ansiedade por tudo o que diz respeito à matemática. Segundo Carmo e Ferraz (2012, pg. 55),

A ansiedade diante da matemática deve ser entendida como um conjunto específico de reações em situações que exigem o uso da matemática dentro ou fora do contexto escolar. Essas reações se dividem em três conjuntos: (a) reações fisiológicas desagradáveis (e.g., taquicardia, sudorese, extremidades frias, dores no estômago); (b) comportamentos de fuga e esquiva; (c) produção de autoatribuições negativas e atribuições negativas dadas à matemática. Esses três componentes são apresentados conjuntamente em contextos nos quais algum conhecimento de matemática é requisitado. Esses contextos são relatados como estimulações aversivas ou pré-aversivas intensas, e as reações apresentadas ocorrem em alta frequência.

Por isso, Carmo (2008), ao estudar e perceber a presença da ansiedade em estudantes de matemática, elaborou, em parceria com outros pesquisadores, a EAM, que abrange em torno de 25 questionamentos referentes à ansiedade à matemática, a fim de identificar comportamentos ansiosos em estudantes do Ensino Fundamental.

Entretanto, na proposta original, não houve, a princípio, uma proposição de avaliação da ansiedade à matemática em estudantes surdos que se comunicavam por meio da Libras sendo portanto esse grupo até então não analisado nesse escopo temático. Com a intenção de ampliar a aplicabilidade da escala e

observar como esses estudantes reagem à temática da matemática no cenário escolar, pesquisadores do LEAAC/UFSCar se propuseram a identificar como estudantes surdos se relacionam com a matemática e, com isso, averiguar se esse grupo possui reações ansiosas, tais quais as dos estudantes ouvintes. Para a realização desse novo estudo, foi necessária a tradução da EAM para Libras, língua utilizada pela maioria dos surdos brasileiros.

O contexto legislativo brasileiro garante aos surdos o uso da língua de sinais como sua primeira língua (Lei 10.435/02, Decreto 5.626/05, Lei 13.146/15) e promove, com isso, a abertura de diferentes frentes de atuação para profissionais que trabalhem com a Libras. Esse é o caso, por exemplo, dos tradutores e dos intérpretes. Devido à sociedade majoritária ouvinte, os surdos necessitam de profissionais eficazes que possibilitem a essa comunidade a interação com os que não falam sua língua e, com isso, o acesso à informação em diferentes contextos. Os tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS) são muito mais que “mobilizadores” de sistemas linguísticos, são “tradutores da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade da cultura surda” (PERLIN, 2006, p. 145). Eles permitem que a presença surda, por anos silenciada por práticas homogeneizadoras e silenciadoras da surdez, apareça pela e com a língua de sinais (MARTINS, 2008; NASCIMENTO, 2018).

Os estudos sobre a tradução e a interpretação de línguas dessa modalidade têm ganhando projeção nos últimos anos no Brasil. Até meados dos anos 2000, as pesquisas se direcionaram mais à interpretação, especialmente na esfera educacional, devido à inclusão de surdos no sistema regular de ensino acontecer já há alguns anos (PEREIRA, 2010; SANTOS, 2013). Entretanto, com a abertura de cursos de formação em nível superior para surdos, como, por exemplo, os cursos de licenciatura em Letras Libras em diferentes universidades pelo país (QUADROS; STUMPF, 2015), a demanda por tradução de materiais do PB para Libras aumentou significativamente. Arelada a isso, a abertura do campo disciplinar Estudos da Tradução para pesquisas envolvendo processos tradutórios com língua de sinais vem promovendo estudos que visam a descrever as atividades realizadas pelo tradutor da língua de sinais do ponto de vista do procedimento tradutório (SEGALA; QUADROS, 2015; RODRIGUES; BEER, 2015; SANTOS, 2018; RODRIGUES; SANTOS, 2018).

Nesse sentido, este estudo se insere no cenário recente de atuação do tradutor e do intérprete de Libras e Língua Portuguesa, bem como no de pesquisas que visam a descrever os procedimentos de tradução e de interpretação envolvendo essas línguas a partir de diferentes gêneros do discurso e esferas da atividade. Esta pesquisa, portanto, se soma à nova realidade de práticas de *tradução* envolvendo a Libras e mobiliza um gênero ainda pouco descrito até o momento nos estudos da tradução e interpretação da língua de sinais: uma escala de avaliação psicológica em ansiedade.

1. Aspectos teórico-metodológicos

A tradução comentada descrita neste artigo fundamentou-se, do ponto de vista teórico-metodológico, nas contribuições do pensamento bakhtiniano para o estudo da tradução intermodal, nos estudos da tradução sobre protocolos avaliativos e nas pesquisas sobre tradução comentada. Do pensamento bakhtiniano⁴ foram invocados os conceitos de *enunciado concreto*, *esferas da atividade* e *gêneros do discurso*. Segundo Nascimento (2016, p. 218),

para o círculo de Bakhtin, o estudo da língua é inseparável da vida, pois é nela, nas relações entre outros sujeitos, na realização da língua por meio da interação entre esses mesmos sujeitos, que a linguagem acontece e os sentidos se instauram. Portanto, o olhar para a linguagem deve ocorrer em suas reais condições de produção, pois, obrigatoriamente, os sentidos implícitos nessas práticas só emergem na interação real e viva entre sujeitos singulares.

Por essa razão, a compreensão de *enunciado* em Bakhtin é bem mais ampla que em outras perspectivas teórico-metodológicas ligadas à linguística e às diferentes correntes das análises do discurso. Enunciado, aqui,

é definido como compreendendo três fatores: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela etc.), (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação. Nessa perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico,

⁴ As expressões *pensamento bakhtiniano*, *perspectiva bakhtiniana*, *princípios bakhtinianos* e *perspectiva dialógica* correspondem à maneira como Mikhail M. Bakhtin, em diálogo com outros intelectuais russos no início do século XX, em especial Valentin Volóchinov e Pavel Medviédév, conceberam a linguagem no âmbito da cultura, da literatura, da estética, das artes e da comunicação (BRAIT, 2013; NASCIMENTO, 2018).

tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quando ao que ele projeta adiante [...]. (BRAIT; MELO, 2008, p. 67).

Nessa perspectiva, o *enunciado é concreto* e corresponde às condições reais de uso da linguagem envolvendo desde a dimensão intersubjetiva dos participantes da situação de comunicação até o sistema semiótico-ideológico mobilizado na produção enunciativa. A interação, força motriz do enunciado concreto, nesse prisma, acontece a partir do posicionamento de sujeitos em determinadas situações sociais e a palavra/enunciado é orientada a alguém do mesmo modo que procede de alguém. São as relações interlocutivas estabelecidas na situação social imediata de produção que delineiam as características de um enunciado.

Todo enunciado organiza-se a partir de determinadas *esferas da atividade* que podem ser definidas, segundo Sobral (2009), como regiões sócio históricas que agrupam diversas formas do agir do humano no mundo. Nesse sentido, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 12). Os *gêneros*, por sua vez, correspondem à organização dos enunciados; eles permitem que nos comuniquemos uns com os outros porque, conforme defende Bakhtin (2016), se não houvesse gêneros a comunicação ficaria inviável, visto que, a todo momento, precisaríamos reinventar as formas de dizer. Os gêneros se organizam por similaridade a partir das esferas porque toda atividade humana é constituída de linguagem e demanda formas específicas de interlocução. Para Bakhtin (2016), os gêneros são formados, basicamente, por (i) composição, que corresponde às organizações sociais, linguísticas e extralinguísticas do enunciado, (ii) estilo, que diz respeito aos modos como o falante escolhe os aspectos linguístico-gramaticas para se enunciar e que, em grande parte, são impostas pelo contexto social e (iii) tema, que não se confunde com assunto, mas que dá o acabamento final ao gênero permitindo que o locutor e o interlocutor se engajem na comunicação a partir dele.

Nesse prisma, embora a tradução seja costumeiramente definida, no âmbito dos Estudos da Tradução, como uma “atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro” (BARBOSA, 2004, p.11), na perspectiva dialógica

bakhtiniana, ela pode ser compreendida como uma atividade não restrita ao linguístico, mas que corresponde à mobilização de posicionamentos, de valores, de diálogos, de discursos. O tradutor, nesse âmbito, é o sujeito que se arrisca, porque não é neutro e nem isento ao promover as pontes interacionais entre públicos que não conhecem as línguas uns dos outros. E a tradução, então, “pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adultos, entre classes sociais diferentes” (GUERINI; COSTA, 2006, p. 5-6), pois para atingir determinados públicos, ela precisa ser pensada e realocada a partir das realidades discursivas do gênero que busca mobilizar.

Dito isso, assumimos, aqui, que a tradução é uma prática discursiva que mobiliza fundamentalmente gêneros que circulam em diferentes esferas da atividade (SOBRAL, 2008; NASCIMENTO, 2016; 2017; 2018) e, por isso, é preciso considerar alguns pontos envolvidos nesse processo. O primeiro, central nessa perspectiva, é a questão cultural das comunidades que utilizam as línguas trabalhadas no processo tradutório. No pensamento bakhtiniano, língua e cultura são aspectos indissociáveis porque a

a tradução é um diálogo de individualidades criadoras de diferentes culturas, isto é, um autêntico diálogo de culturas, no qual o tradutor escarafunha as entranhas do original, ausculta as vozes que o povoam, entranha-se no às vezes quase insondável da linguagem, compenetra-se da vida de suas personagens; em suma, embebe-se do original para poder interpretá-lo em seu conjunto e dar-lhe uma nova vida, vida essa, porém, marcada pela singularidade dos múltiplos modos de ser da língua e da cultura do tradutor, por sua individualidade criadora. (BEZERRA, 2012, p. 47).

E o segundo tem a ver com a materialidade das línguas envolvidas no processo tradutório. Tendo em vista que a cultura é aspecto primeiro na constituição dos agrupamentos humanos e a linguagem é a instância mais representativa dos artefatos e instrumentos culturais coletivos, a forma como uma língua é produzida pode dizer muito sobre as características de determinados grupos. Esse é o caso das línguas de sinais produzidas pelas mãos e pelo corpo e percebidas/recebidas pela visão.

Nesse sentido, os estudos da tradução e da interpretação da língua de sinais (ETILS) contribuem significativamente para a compreensão dos meandros culturais que estão em jogo em traduções que envolvem línguas de sinais e línguas orais. Segundo Rodrigues (2018b, p. 306),

levar em conta a especificidade da situação vivenciada pelos surdos e a forma com que a modalidade gestual-visual caracteriza e impacta os processos tradutórios e, por sua vez, a competência dos tradutores e intérpretes, é um elemento indispensável às atuais reflexões sobre como: (i) lidar com e compreender as minorias linguísticas e culturais; (ii) pensar os processos tradutórios e interpretativos para além da transposição semiótica com foco no linguístico; e (iii) conceber e (re)significar as funções e finalidades da tradução, da transferência e da mediação linguística e cultural na (trans)formação da sociedade atual.

A modalidade de língua, defende o autor, é um dos aspectos centrais nas pesquisas em ETILS porque permite, dentre diferentes aspectos, compreender os aspectos constitutivos da mobilização de materialidades distintas produzidas por canais biofisiológicos diferentes. A fim de explorar essa conceituação, Segala e Quadros (2015) propuseram o termo *tradução intermodal* como alternativa para considerar as especificidades desse tipo de tradução. Segundo os autores, a *tradução intermodal* capta “[...] a especificidade dos aspectos na tradução intralingual, tradução interlingual e intersemiótica que inclui uma língua de sinais” (QUADROS; SEGALA, 2015, p. 358).

A tradução intermodal de protocolos avaliativos é extremamente desafiadora, visto que os protocolos avaliativos psicológicos são gêneros hermeticamente fechados e não permitem ao tradutor grandes flexibilidades quanto ao aspecto semântico-lexical, levando-o a buscar muito mais equivalências do que correspondências. Nesse sentido, a tradução é, conforme defendem Hilton e Skrutkowski (2002), mais simétrica, ou seja, é necessário manter familiaridade e lealdade aos termos da língua fonte, não só ao significado, mas também à coloquialidade do original.

Deliza, Rosenthal e Costa (2003, p. 44) salientam que “um processo de adaptação cultural e posterior avaliação da validade da nova versão são requeridos antes que o instrumento possa ser recomendado para ser usado em culturas diferentes daquela para a qual foi originalmente desenvolvida”. Os autores defendem, ainda, que a falta de um instrumento de pesquisa na língua desejada acena para o desenvolvimento de instrumentos no próprio idioma ou para a utilização dos existentes após as devidas traduções e validações.

São poucas as pesquisas que se dedicam à elaboração de protocolos avaliativos em língua de sinais para surdos. Chaveiro (2011), em sua tese de doutoramento, realizou a tradução do *World Health Organization Quality of*

Life (WHOQOL) para Libras. Este instrumento, proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tem por objetivo avaliar a Qualidade de Vida Relacionada à Saúde (QVRS) e é amplamente utilizado por diversas instituições médicas e de pesquisa ao redor do mundo. Entretanto, não havia, antes da tese de Chaveiro (2011), uma tradução do instrumento para a língua de sinais utilizadas por surdos brasileiros. Ao realizar o processo de tradução, a autora faz alguns apontamentos sobre a tradução e os instrumentos avaliativos para a língua de sinais como, por exemplo, a necessidade de todos os envolvidos na tradução serem fluentes em ambas as línguas e de todo o registro do processo ser realizado em vídeo.

No caso da EAM, elaborada em PB, foi necessária a tradução para Libras e as devidas validações a fim de aplicá-la junto ao público surdo justamente porque, além das diferenças linguístico-culturais, são poucos os estudos voltados à análise do perfil psicológico da comunidade surda brasileira.

O trabalho aqui apresentado configura-se como um estudo qualitativo de caráter analítico-descritivo. Trata-se de uma tradução comentada em que são descritos os procedimentos de tradução e as estratégias utilizadas antes e durante o processo. Nesse sentido, ressalta-se que, além da abordagem qualitativa, o trabalho possui uma natureza aplicada, com objetivos de transcrever e comentar os processos tradutórios a partir de referenciais teóricos previamente delineados e de ter uma bibliografia sobre o tema levantada em pesquisa documental.

A tradução comentada, conforme defende Santiago (2016, p. 2), “se faz importante como exercício nos estudos da tradução, e na reflexão sobre esse fazer” e pode envolver discussões sobre a tarefa de traduzir, análises dos textos envolvidos e justificativas sobre as escolhas de todo o processo tradutório. No contexto de formação de novos tradutores, a tradução comentada é de grande valia porque, conforme defendem Zavaglia, Renard e Janczur (2015), a função de uma tradução comentada seria principalmente a pedagógica, por permitir que o aluno registre suas próprias escolhas tradutórias, com base no texto original, tentando entender suas dificuldades no processo, sejam essas morfológicas, sintáticas ou ligadas a aspectos culturais. Segundo os autores,

uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico reside no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais,

seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 349).

A fim de se registrar todo o processo tradutório, adotou-se como dispositivo metodológico o *diário de tradução*, um instrumento que permite ao tradutor anotar e descrever todo o percurso realizado durante sua atividade tradutória. O diário de tradução acaba se tornando um material importante para o tradutor, pois ele registrará dificuldades encontradas, escolhas e estratégias utilizadas em todo o processo (ROSSI, 2014) permitindo, posteriormente, que analise seu próprio trabalho apresentando e explicando suas decisões.

A tradução da EAM para Libras foi registrada e veiculada em vídeo por não ter sido adotada a tradução para a escrita de sinais e sim para a versão “oral” dessa língua. O local de gravação foi o Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS) do Departamento de Psicologia da UFSCar. Para tanto foi utilizada (i) uma câmera fixada em um tripé direcionada ao tradutor, que ficou posicionado à frente de (ii) um fundo verde que possibilitou, posteriormente, edição e tratamento do material. Foi utilizado também (iii) um computador que permitiu a visualização da EAM pelo tradutor. O computador foi posicionado na mesma linha da câmera para evitar que o olhar do tradutor fosse desviado para buscar o texto fonte.

A tradução foi realizada por uma equipe composta de cinco participantes: o aluno do curso de graduação em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP) Vitor Dias de Souza, a aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação Educação Especial da UFSCar Priscila Giamlourengo, seus respectivos orientadores, Vinícius Nascimento e Lara Ferreira dos Santos, ambos professores do Departamento de Psicologia da UFSCar para o Curso TILSP e o técnico em audiovisual do curso Rodrigo Vecchio Fornari. Foram traduzidas para Libras apenas as questões, pois as respostas da escala seriam apresentadas aos estudantes com ícones representativos do tipo *emoticons*. Três diferentes versões de tradução do material foram realizadas a fim de garantir possíveis melhoras no processo a partir das orientações dos professores supervisores e consultores que avaliaram uma das versões.

A primeira versão da tradução foi avaliada e debatida pela equipe de tradução que assistiu aos vídeos e conversou sobre a possibilidade de algumas alterações. Depois dessa primeira avaliação, foi realizada uma segunda versão da tradução que, depois de finalizada, foi encaminhada para consultores que não faziam parte da equipe de tradução para que pudessem avaliar e dar sugestões de melhorias. Foram dois os consultores convidados: um docente surdo, fluente em Libras, graduado em matemática e vinculado ao Departamento de Psicologia da UFSCar e uma técnica administrativa tradutora e intérprete da mesma instituição. Os detalhes metodológicos do processo de tradução foram descritos por Giamlourengo e Santos (no prelo)⁵. Neste artigo, apresentamos a tradução da escala comentada.

2. A tradução comentada da EAM

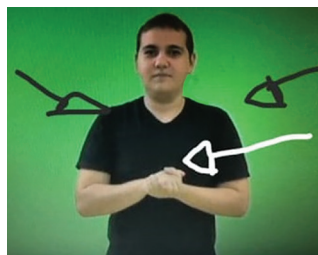
O primeiro movimento prático da equipe de tradução foi conversar com o autor da EAM e, na sequência, estudar separadamente a escala para, então, dialogar sobre as primeiras impressões e realizar o planejamento da tradução de cada pergunta. Esse planejamento aconteceu por meio de uma tabela em que foram colocadas as glosas⁶ dos sinais a serem produzidos pelo tradutor e, na medida em que o processo avançava, foram sendo anotadas as dificuldades, estratégias debatidas e escolhidas nas três versões traduzidas. Foi elaborada uma tabela pela equipe de tradução, conforme mostram Giamlourengo e Santos (no prelo), para ajudar na gestão do processo tradutório. Como já mencionado anteriormente, com a finalização da segunda versão, a tradução foi encaminhada para dois consultores que apontaram questões importantes que foram adotadas na terceira versão:

⁵ GIAMLOURENÇO, P. R. G. M.; SANTOS, L. F. dos. Tradução e adaptação de Escala Ansiedade à Matemática para Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Educação Matemática em Revista*. (no prelo).

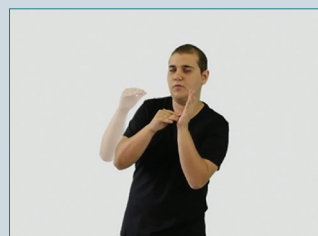
⁶ Segundo McCleary e Viotti (2007), nas publicações envolvendo línguas de sinais os itens lexicais dessas línguas são, geralmente, representados graficamente por meio de glosas que consistem em uma ou mais palavras semanticamente equivalentes em uma língua oral e são grafadas em maiúsculo. Com a ausência de um sistema de representação gráfica da língua de sinais com ampla circulação, a glosa tem sido uma estratégia utilizada pelos pesquisadores dessas línguas nos diferentes campos como a linguística, a linguística aplicada, a educação e os estudos da tradução e da interpretação. Atualmente, alguns pesquisadores vêm utilizando a escrita de sinais como possibilidade de registro gráfico. Neste estudo adotamos as imagens seguidas de glosas.

AVALIAÇÃO DOS CONSULTORES

CONSULTOR 1: Todos têm que fazer novo, a estrutura da Libras devem continua assim, estão bom, e menos ansiedade.



CONSULTOR 2: As questões estão muito bem sinalizadas pelo profissional, da forma clara que o questionário necessita, mas sugiro a revisão das questões indicadas como sugestão, pensando na diversidade e amplitude da aplicação do mesmo, e pensando que muitas vezes o entrevistado pode não compreender alguma questão ou parte dela.



Pergunta 25: melhor fazer o sinal de “último”, de forma a proporcionar mais clareza na questão.

Quadro 1 – Trechos da avaliação dos consultores⁷

Fonte: elaborado pelos autores

No comentário realizado pelo Consultor 1 foi indicado que durante o processo o tradutor apresentou “ansiedade” sinalizada pela tensão nos ombros e pelo excessivo aperto das mãos nos períodos de não sinalização (indicados por

⁷O Consultor 1, por se tratar de um professor surdo da instituição, sua língua materna é a Libras, sendo a Língua Portuguesa na modalidade escrita sua segunda língua; por este motivo o português é apresentado com estrutura de segunda língua. Decidimos manter a apresentação do texto da maneira como o consultor enviou.

meio de flechas na imagem do Quadro 1). O ponto interessante a ser mencionado é que o tradutor possui uma relação de tensão com a disciplina de matemática. Além disso, por atuar em uma equipe com pessoas com as quais não estava acostumado, sendo essa tradução seu primeiro processo tradutório fora do contexto de sala de aula, alguns sinais de ansiedade, tal qual descrito por Carmo e Ferraz (2012) no que diz respeito à matemática, foram apresentados pelo tradutor e notados pelo consultor. Considerando que, como visto anteriormente, o tradutor no momento de sua atuação foi constituído anteriormente em meio social, histórico e também político e, no caso da língua de sinais, a não-invisibilidade do tradutor defendida por correntes clássicas dos estudos da tradução (SILVA, 2011) vai além da questão das escolhas tradutórias, visto que o corpo do tradutor é também o texto, foram notado pelo consultor elementos marcantes do processo de tradução.

O Consultor 2 avaliou que seria importante em perguntas específicas (indicadas no protocolo de avaliação dos consultores), como exemplificado acima na questão 25, que na nova versão realizada (3ª versão), fossem repensados alguns sinais para proporcionar melhor compreensão do público alvo (crianças surdas), a maior preocupação da equipe durante o processo das três versões tradutórias.

A preocupação inicial, que se prolongou por todo o processo tradutório, inclusive das outras versões, foi a de sempre pensar na especificidade da língua de sinais e do público alvo dessa tradução, neste caso crianças, sempre buscando os sinais mais comuns e a apresentação de uma sinalização e datilologia claras e calmas.

Durante todo o processo de tradução da primeira versão foi bastante complicado trabalhar a questão da expressão, que também faz parte da Libras. Como o tradutor era também estudante em processo de aprendizagem da língua e foi a primeira vez que ele se envolveria em uma tradução desse porte, apresentou diversas dificuldades, não somente em relação aos aspectos ligados ao espaço e à visualidade, mas também ao material em si.

No quadro a seguir apresentamos um exemplo de alteração da produção dos itens lexicais de uma das perguntas e a evolução da sinalização do tradutor nas versões subsequentes. O enunciado em Língua Portuguesa “você se sente como” foi traduzido para “VOCÊ SENTIR COMO”. Entretanto, na primeira versão o sinal SENTIR, que do ponto de vista fonológico possui um movimento de contato direto com a região do tórax, foi apresentado como ANGÚSTIA devido ao tradutor ter realizado um movimento rotacional

apoiado no tórax, mudando completamente a produção do sentido da pergunta. Na segunda versão o movimento não foi realizado e na terceira o sinal foi apresentado de maneira mais adequada. Do mesmo modo, o item COMO, evoluiu do ponto de vista da expressão facial que, na versão 3, estava mais marcada do ponto de vista prosódico.



Quadro 2 – Apresentação de exemplos das três versões da tradução

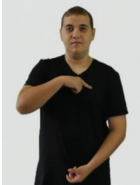

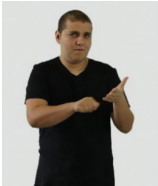
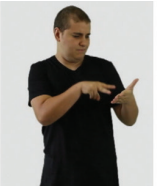
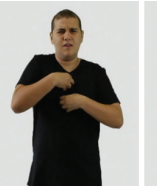
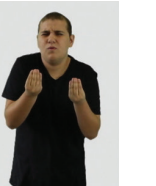
Fonte: elaborado pelos autores

Durante a realização da segunda versão, o material já estava sendo trabalhado há algum tempo, mas ainda houve alguns problemas a serem mencionados. As principais dificuldades ocorreram devido à gramática específica da Libras, como o uso do espaço de sinalização, sendo necessária a regravação de uma parcela das perguntas diversas vezes. Nesse processo (segunda versão) houve também grande preocupação em relação às expressões que ainda necessitavam de melhora nas próximas versões.

Devido a esses acontecimentos, também foi necessário um longo período para a gravação da segunda versão do material, ocasionando dor e desconforto ao tradutor, na medida em que a tradução do material ia avançando. O processo da terceira versão foi o mais confortável, pois como já haviam se

passado alguns meses de estudo do material, bem como a realização de duas versões, o tradutor estava mais familiarizado com o processo tradutório e com a equipe envolvida.

Com o feedback dos consultores, se iniciou o processo de tradução da terceira e última versão do material, com pequenas alterações em uma parcela das perguntas no que se diz respeito às estruturas e à utilização de sinais, as quais foram sugeridas. Devido ao conforto do processo e também do material, o tradutor estava mais tranquilo ao realizar a atividade, ficando calmo no momento da tradução (sugestão de um dos consultores que percebeu o nervosismo). A seguir serão apresentadas algumas escolhas e estratégias tradutórias utilizadas em 4 das 25 perguntas do material.

TEXTO-FONTE TEXTO ALVO	Pergunta 1: Quando vejo escrita a palavra “matemática” sinto
	Linha 1 <div style="text-align: center;">  TER </div>
	Linha 2 <div style="text-align: center;">  PALAVRA M-A-T-E-M-Á-T-I-C-A </div>
Linha 3 <div style="display: flex; justify-content: space-around; text-align: center;"> <div> ESCRITA</div> <div> VER</div> <div> SENTIR</div> <div> COMO</div> </div>	

Quadro 3 – Tradução da pergunta 1

Fonte: os autores

Desde a primeira versão esta pergunta apresentou-se como um desafio, pois a equipe pensou em utilizar o sinal referente à matemática para abranger o máximo de crianças surdas possíveis. Porém no momento da gravação houve bastante dificuldade sobre como deixar visualmente nítido que se tratava não apenas do sinal, mas, sim, da palavra *matemática* escrita em Língua Portuguesa.

Na realização da segunda versão, após conversa e *feedback* dos professores componentes da equipe, a tradução da pergunta foi modificada a fim de deixá-la o mais visual possível para que a comunidade surda pudesse compreender do que se tratava o enunciado. Isso está relacionado com o princípio bakhtiniano de orientação da palavra. Segundo Volochínov (2017, p. 204),

a palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado.

Como a questão pressupunha o conhecimento da palavra escrita e as crianças surdas possuem o português como segunda língua, decidiu-se deixar mais destacado que se tratava da palavra matemática escrita e para isso foi utilizada a estratégia da datilologia⁸ de forma lenta e clara para maior compreensão.

Na realização da terceira versão, e já com o *feedback* dos consultores, foi mantido o destaque de que a palavra matemática estava escrita mantendo o sinal referente à PALAVRA na mão esquerda enquanto era realizada a datilologia com a mão direita, de M-A-T-E-M-Á-T-I-C-A. Importante ressaltar que a datilologia foi direcionada mais para baixo, próxima à região do peito, pois na versão anterior estava sendo realizada muito acima e encobrendo o rosto.


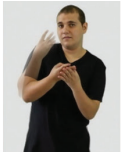
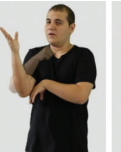




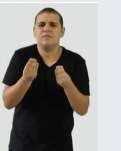
⁸ (...)“a Datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos. (...), fazendo parte da LIBRAS” (FERNANDES E ROMEIRO, 2016, p.172,173).

TEXTO-FONTE TEXTO ALVO	Pergunta 2: Quando ouço a palavra “matemática” sinto
	Linha 1  <div style="display: flex; justify-content: space-around; text-align: center;"> ME SINALIZAR SINAL MATEMÁTICA SENTIR COMO </div>

Quadro 4 – Tradução da pergunta 2

Fonte: elaborado pelos autores

Esta pergunta foi bastante complexa, pois faz referência direta a “ouvir” a palavra matemática porque a EAM pressupõe que o seu público-alvo é ouvinte. Por isso, para manter uma simetria semântica de recepção das informações linguísticas (audição/visão) decidiu-se usar ME SINALIZAR SINAL MATEMÁTICA na realização da segunda e da terceira versão da tradução. Se “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 2016) a escolha baseou-se também, na expressão comum utilizada pelos surdos quando se referenciam a uma citação. A fim de evitar a marcação de “falar” enquanto atividade ligada à boca, os surdos costumam adotar a expressão mostrada na imagem e que poderia ser transliterada como “ele sinalizou para mim”. Numa tradução cultural para o português, essa expressão equivaleria a “ele disse para mim” ou “ele me disse”.

TEXTO-FONTE TEXTO ALVO	Pergunta 19: encontro o professor de matemática fora da sala de aula, sinto										
	Linha 1										
											
SALA		AULA		FORA		PROFESSOR		MATEMÁTICA		ENCONTRAR	
Linha 2											
											
SENTIR						COMO					

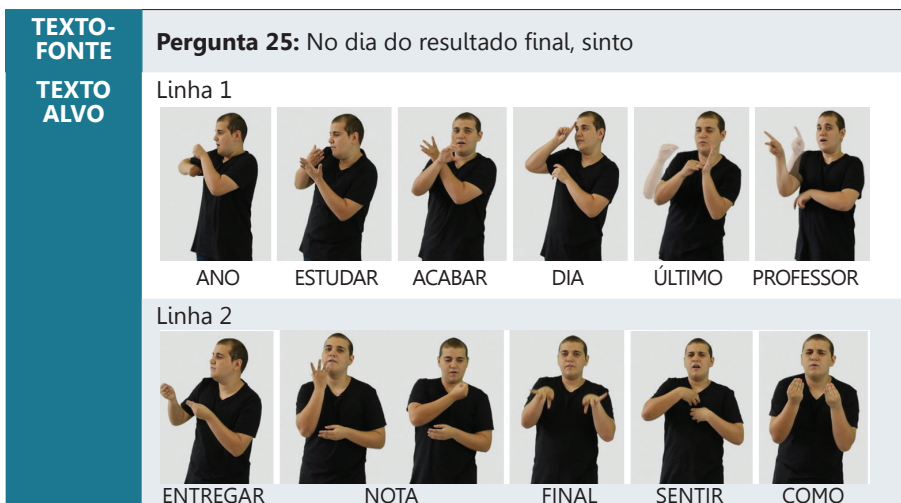
Quadro 5 – Tradução da pergunta 19

Fonte: elaborado pelos autores

Um dos maiores problemas dessa questão foi a implicação da modalidade da língua de sinais, pois quando se trata de marcação locativa, o enunciador geralmente especifica esses lugares, sinalizando ou utilizando classificadores para melhor representá-los. Segundo Bernardino (2012), os classificadores compõem a gramática da língua de sinais, sendo um morfema em que podem ser utilizados as mãos ou o corpo para indicar algum nome de referentes ou ações. Portanto ao realizar a primeira versão da tradução, não sabíamos qual a especificidade do lugar de encontro entre o professor e o aluno referenciado na questão, sendo que nesse caso esse seria um aspecto importante para a realização da tradução.

Portanto, na finalização da primeira versão, foram separadas duas perguntas necessárias a consulta com o autor do protocolo original. O autor da escala explicou à equipe que esse encontro proposto pela pergunta seria fora da sala de aula, mas ainda dentro das imediações da escola, não podendo acontecer fora do ambiente escolar, como em um shopping, por exemplo. Segundo o autor, por se tratar de um protocolo realizado e aplicado em um ambiente escolar, todas as perguntas contidas permeiam atividades cotidianas dos alunos vivenciadas dentro desse ambiente.

O processo de tradução da pergunta acima foi semelhante ao da anterior, porém apresentou outros pontos além de dúvidas sobre o contexto que

**Quadro 6** – Tradução da pergunta 19

Fonte: elaborado pelos autores

envolviam a estrutura sintática e a utilização de sinais. Assim como na questão 19, foi necessário tirar dúvidas com o autor da EAM, já que “o enunciado como tal é em sua completude um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216). Por isso, saber a que se referia a expressão “resultado final” (do bimestre, do semestre ou do ano) foi crucial para a tradução.

Com a informação de que esse resultado se referia às notas finais da disciplina de matemática, a equipe em sua primeira versão optou por utilizar mais de um sinal exemplificando que se tratava das notas entregues e que isso seria realizado no último dia de aula. Com a construção da segunda versão, por indicação dos professores responsáveis buscou-se alterar alguns aspectos, como o de incluir o sinal referente a estudar, para garantir maior compreensão da passagem de ano e do estudo chegando ao fim desse ciclo com a entrega de notas.

Após o *feedback* dos consultores e com a construção da terceira versão, foi sugerido à equipe que adequasse e mudasse o sinal utilizado anteriormente referente a ÚLTIMO para que se buscasse maior compreensão para o público-alvo. Importante ressaltar que foram utilizados, como estratégia tradutória, dois sinais diferentes referente à “nota” devido às variações regionais da língua, para que assim abrangesse maiores proporções de compreensão.

Considerações finais

A apresentação de todo o processo tradutório (estratégias e escolhas de tradução) proporcionou reflexões a respeito do procedimento de tradução de um protocolo que se constitui como um gênero hermético e exige dos tradutores cuidado excessivo com os termos escolhidos para adequar-se ao material original. Os usos do diário de tradução e da tradução comentada possibilitaram aos tradutores manifestarem-se e exemplificarem suas dificuldades, acertos, inseguranças e ansiedades durante todo o processo. É importante ressaltar que todas as decisões do processo de tradução foram realizadas em equipe, tal como descrito, tendo como principal preocupação a compreensão do público alvo.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi perceptível o árduo e legítimo processo que envolve uma tradução, exigindo tempo, revisão, estudo, e o quanto essa prática difere de uma atividade interpretativa. Todo esse processo, em geral, foi bastante enriquecedor, pois a trajetória proporcionou aprendizados, conhecimentos, descobertas, evoluções pessoais e profissionais.

A realização dessa tradução pode possibilitar futuras pesquisas, desde novas versões em Libras desse mesmo material, até traduções (mesmo que com temas diferentes) em língua de sinais a partir desse gênero, visto a escassez de pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. 174 p.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2004.
- BEZERRA, P. A tradução como criação. *Estudos Avançados*, n. 26, v. 76, São Paulo, set/dez, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000300007>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 61-78.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo, v. 8, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CARMO, J. S.; FERRAZ, A. C. T. Ansiedade relacionada à matemática e diferenças de gênero: uma análise da literatura. *Psicol. Educ.* n. 35, pp. 53-71, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752012000200004>. Acesso em: 30 mar. 2019.

CARMO, J. S. *Escala de Ansiedade à Matemática (EAM)*. Laboratório de Estudos Aplicados à Aprendizagem e Cognição (LEAAC). Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 2008.

CHAVEIRO, N. *Qualidade de vida das pessoas surdas que se comunicam pela língua de sinais: construção da versão em Libras dos instrumentos WHOQOL-BREF e WHOQOL-DIS*. 2011. Tese. (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

DELIZA, R.; ROSENTHAL, A.; COSTA, M. C. Tradução e validação para a língua portuguesa de questionário utilizado em estudos do consumidor. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas, v. 23, n. 1, p. 43-48, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-20612003000100010>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

FERNANDES, C. C.; ROMEIRO, C. A. A contribuição da datilologia como estratégia metodológica no processo de alfabetização. *Revista Diálogos*. v. 4, n. 1. 2016. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3746/pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

GIAMLOURENÇO, P. R. G. M.; SANTOS, L. F. dos. Tradução e adaptação de Escala de Ansiedade à Matemática para Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Educação Matemática em Revista*. (no prelo).

GUERINI, A; COSTA, W. C. *Introdução aos estudos da tradução*. 2006. Dissertação (Licenciatura e Bacharelato) – Universidade Federal de Santa Catarina. Ecurso eletrônico disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos_da_traducao/Introd.%20Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 04 abr. 2018.

HILTON, A.; SKRUTKOWSKI, M. Translating instruments into other languages: development and testing processes. *Cancer Nursing*. Philadelphia, v. 25, n. 1, p. 1-7, fev. 2002. Disponível em: <<https://journals.lww.com/cancernursingonline/pages/articleviewer.aspx?year=2002&issue=02000&article=00001&type=abstract>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (Orgs). *Uma escola, duas línguas*: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto de transcrição de narrativas na Língua de Sinais Brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo dos surdos*: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

MARTINS, V. R. O. *Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais*: relações de poder e (re)criações do sujeito. 2008. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

NASCIMENTO, V. Presença da tradução e interpretação da língua de sinais no “grande tempo” da cultura. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso. v.13 n.3, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457339180>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trab. Linguist. Apl.* [online]. 2017, v. 56, n. 2, pp.461-492. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318138649203273941>>. Acesso em 28 jun. 2019.

NASCIMENTO, M. V. B. *Formação de intérpretes de Libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes*. 2016. 318 f. Tese (Doutorado) – Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo.

PEREIRA, M. C. P. Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 99-117, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2010v2n26p99>>. Acesso em 30 nov. 2018.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p.136-147, jun. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.798>>. Acesso em 30 jun 2019.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. In: QUADROS, R. M. (Org). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trab. Linguist. Apl.* 2018, v. 57, n. 1, pp.287-318. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318138651578353081>>. Acesso em 30 nov. 2019.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução em Revista* (Online), v. 2018, p. 1-29, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34535/34535.PDFXXvmi=>. Acesso em 30 nov. 2019.

RODRIGUES, C.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. esp. 2, p.17-45, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17/30707>>. Acesso em 15 set. 2019.

ROSSI, A. H. Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução. In: FERREIRA, A. M. A.; SOUZA, G. H. P.; GOROVITZ, S. (Orgs.). *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*. 78. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

SANTIAGO, V. A. A. Tradução comentada: janela de Libras em filme publicitário. (Anais) 6º CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-17.

SANTOS, S. A. *Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) –Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTOS, S. A. Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 394-375, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1148>>. Acesso em 30 nov. 2019.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a libras oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35,

n. especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354/30718>>. Acesso em 30 nov. 2019.

SILVA, H. O. C. *Tradução e dialogismo*: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SOBRAL, A. U. *Do dialogismo ao gênero*: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros*: ensaios sobre tradução. São Paulo: Editora SBS, 2008.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAVAGLIA, A; RENARD, C. M. C; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755>>. Acesso em 01 out. 2019.